

Leitura literária na escola: caminhos (nem) sempre tortuosos

Literary reading in school: pathways (not) always tortuous

Aline Pires de MORAIS*

Epaminondas de Matos MAGALHÃES**

RESUMO: Este artigo se propõe a discutir o papel da leitura literária dentro do universo escolar, como forma de compreensão de si e do mundo. As discussões aqui propostas levam em consideração as Orientações Curriculares Nacionais (2006), e trazem uma abordagem que pode, significativamente, propiciar um trabalho efetivo com o texto literário em sala de aula, orientando o professor na formação e no desenvolvimento da competência leitora do aluno.

Palavras-chave: Leitura. Texto literário. Professor.

ABSTRACT: This article aims to discuss the role of literary reading within the school environment as a way of understanding themselves and the world. Discussions proposed here take in to consideration the National Curricular Guidelines (2006), which bring an approach that can significantly provide an effective work with literary texts in the classroom guiding the formation and development of reading competence.

Keywords: Reading. Literary text. Teacher.

1 Introdução

Para iniciarmos nossas discussões sobre leitura e escola tomaremos como ponto de partida o conto a *Função do Leitor 1*, de Eduardo Galeano:

Quando Lucia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite ocultando o livro debaixo do travesseiro. Lucia tinha roubado o romance da biblioteca de cedro onde seu tio guardava os livros preferidos.

Muito caminhou Lucia, enquanto passavam-se os anos. Na busca de fantasmas caminhou pelos rochedos sobre o rio Antióquia, e na busca de gente caminhou pelas ruas das cidades violentas.

Muito caminhou Lucia, e ao longo de seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância.

Lucia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é dela (GALEANO, 1989, p.89).

A leitura do conto nos permite verificar que o texto literário propicia transformações no ser humano e exerce papel importante sobre o indivíduo, uma vez que lhe possibilita sair de si, desse universo, tornando-se outro. A leitura, em especial a literária, permite, de certa forma, que nos conheçamos, bem como aos outros e ao mundo circundante. Nesse aspecto, as “mentiras ficcionais” sempre revelam uma

*Graduada em Letras-UFU, Mestra em Teoria Literária, cursando Doutorado em Estudos Literários na Unemat, professora de Língua Portuguesa e Literatura no IFMT/ Campus Campo Novo do Parecis.

**Graduado em Letras pela Unemat, Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT, Doutor em Letras- Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor de Língua Portuguesa e Literatura no IFMT/ Campus Pontes e Lacerda.

verdade sobre nós e nossas relações. Llosa (2007), ao falar da novela não como gênero em si, mas como forma literária, destaca que:

[...] na verdade romances mentem - eles não podem fazer o contrário -, mas isso é apenas parte da história. A outra é que, encontrando-se, expressam uma verdade curiosa que só pode expressá-la secretamente disfarçado como o que não é”. (LLOSA, 2007, p. 16)¹.

Dessa forma, retornando ao conto de Galeano, o texto que Lucia lê não é mais o mesmo, pois ambos agora são outros. Assim, a natureza do texto é mutável, haja vista sua leitura alterar-se e deslocar os leitores de seus posicionamentos, fazendo-os amadurecerem. Ler, portanto, ultrapassa a simples decodificação, uma vez que permite ao leitor inserir-se em outro universo e ressignificar-se como sujeito.

Nesse sentido, concordamos com as ponderações de Silva (1998, p. 56), quando afirma que “em certo sentido, a leitura de textos coloca-se como uma ‘janela para o mundo’. Por isso mesmo, é importante que essa janela fique sempre aberta, possibilitando desafios cada vez maiores para a compreensão e decisão do leitor”. A tela *Moça na Janela*, de Salvador Dali (1926), elucida bem essa questão:

Ilustração 1: Moça na Janela, Dali (1926)



Nessa tela, temos uma jovem que se debruça diante da janela e observa o mar. A janela funciona como símbolo daquilo que se abre a novas possibilidades, permitindo ultrapassar fronteiras. O mar e sua imensidão simbolizam ampliar os horizontes. Assim, há uma imensidão a ser descoberta. A leitura é, portanto, uma janela que nos permite alcançar voos inimagináveis.

¹ Tradução nossa para o trecho: “[...] en efecto, las novelas mienten —no pueden hacer otra cosa— pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que solo puede expresarse encubierta, disfrazada de lo que no es”¹ (LLOSA, 2007, p. 16).

Ao ler, uma série de conhecimentos é mobilizado, fazendo com que o ato de ler, por si só, já seja interdisciplinar, pois

a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sócio-cultural futura (SILVA, 1999, p.20)

A fim de elucidarmos a questão, tomaremos a tela *Redenção de Cam*, de Modesto Brocos (1895):



Modesto Brocos (*Santiago de Compostela, Espanha 1852 - Rio de Janeiro, RJ 1836*)
Redenção de Cam, 1895.
Óleo sobre tela, 199 x 166 cm.

Ilustração 2: A redenção de Cam, Brocos (1895).

Para tecermos uma leitura dessa tela é preciso mobilizar os conhecimentos de história geral, história religiosa e, por fim, compreender os elementos do racismo presentes e imbricados no amálgama do interior cultural, pois permite traçar uma hipótese sobre o branqueamento.

Em relação à história religiosa, é preciso compreender que Noé teve três filhos: Sem, Jafé e Cam, o primeiro vai para o Oriente, possibilitando a origem dos povos semitas. Jafé estaria na Europa e Cam, após ser amaldiçoado por Noé, por conta de ter rido do pai em determinado episódio, desce para a região onde hoje localiza-se o continente africano.

Assim, há todo um conjunto de imagens que aludem para a questão dos povos africanos serem amaldiçoados e que todas as mazelas que os acometem são formas de punição por conta de sua descendência.

O que percebemos na tela *A redenção de Cam* é um pai branco, a sua esposa mulata com o filho branco e a avó que ergue suas mãos ao alto, como sinal de agradecimento sobre o branqueamento do neto, como se sua descendência almejada, em virtude da descendência de Cam, tivesse chegado ao fim. Para as possíveis leituras diante dessa tela, uma série de conhecimentos precisam ser mobilizados, assim, ler vai além de uma simples realização parafrástica diante de um texto ou objeto.

2 LEITURA E LEITOR: AINDA DESCONHECIDOS?

A leitura nos desloca, move-nos, assim como move nossas verdades. Na obra *Alice no país das maravilhas* de Carrol (1865), a personagem Alice indaga o coelho sobre quanto tempo dura o eterno e a resposta do coelho é categórica: “[] às vezes dura menos que um segundo” (p. 138). Tal resposta nos leva a pensar que a leitura transforma o sujeito, pois as experiências realizadas por meio dela alteram-se a cada página lida.

Ler é viajar, é ultrapassar fronteiras, assim como acontece com a personagem Lúcia, da obra *As crônicas de Nárnia*, de Lewis (2009), ao entrarem em um quarto, os quatro irmãos - Lúcia, Suzana, Edmundo e Pedro - veem o imenso guarda-roupa. Contudo, para Suzana, Edmundo e Pedro, ali nada havia a ser explorado. Somente Lúcia, a menor de todos, decide ficar e iniciar sua exploração sozinha.

Para ela, valia a pena abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afagassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa (LEWIS, 2009, p. 105).

À medida que Lúcia avançava, um mundo novo, Nárnia, descortinava-se. A leitura é esse enorme guarda-roupa, onde nos deparamos sempre com universos mágicos de significados e ressignificados. Tais universos mágicos seriam os responsáveis por vivenciarmos experiências múltiplas.

Diante da cena, Lúcia não fecha a porta desse guarda-roupa e, ao usarmos essa passagem como metáfora da leitura, é plausível dizer que não podemos nos fechar em nossos sentidos ou em nossos “lugares”, como se estes e nós fossemos imutáveis, haja

vista cada leitura ser sempre outra a apontar novos desafios. Com efeito, cada descoberta nunca se fecha em si.

Em função dessa complexidade, a escola constitui-se como espaço privilegiado para consolidação das competências leitoras. Contudo, a última pesquisa realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro e divulgada em março de 2012, intitulada *Retratos da Leitura no Brasil* (2011), revelou que temos cinquenta por cento de não leitores no país. Tal fato é preocupante, pois, como afirma PSZCZOL (2008), a leitura, além de meio de acesso à informação, promove diálogos, aumenta a capacidade de abstração e de formulação de ideias, propicia fruição estética e apura a sensibilidade.

Ainda para PSZCZOL (2008), a construção de uma sociedade leitora requer o convívio constante com livros e leitores. Nesse sentido, somos categóricos em afirmar que o contato, desde os primeiros anos com o universo dos livros e da leitura, propiciará na criança o gosto pela leitura. Portanto, o ato de formar leitores pressupõe não somente o diálogo na e com a escola, mas, também, com a família, que passa a ser (ou não) a primeira mediadora desta ação. Antes de mais nada, todo e qualquer mediador de leitura, sejam eles os pais ou professores, precisam ser leitores e precisam também compreender a importância que esses atores têm na inserção das crianças nesse processo.

Sabemos que a escola, em sua grande maioria, mesmo sendo a formadora de leitores por excelência, não possui uma quantidade suficiente de livros em suas bibliotecas que possam dar suporte à necessidade de formação leitora dos alunos. Assim, construir um espaço efetivamente leitor requer uma mobilização de todos os agentes envolvidos: a família, o professor e o Estado.

Em se tratando dos problemas que concernem à leitura na escola, somos levados a refletir sobre as questões metodológicas, pois ainda encontramos um quadro nas escolas, cuja visão de leitura se filia às análises mecanicistas de interpretação de textos, em que as proposições postas aos alunos caminham na contramão do incentivo e da descoberta de novas leituras, pois questionar os alunos sobre: “quem são os personagens?”, “quantos versos tem o poema?”, entre outros aspectos estruturais do texto, não significa realizar um trabalho animador e/ou preciso de leitura. Com tais perguntas, o sentido de leitura não se expande, não possibilita ao aluno ultrapassar os casacos que escondem ou dificultam encontrar outro universo, como foi realizado pela personagem Lúcia, de *As crônicas de Nárnia*. É importante que a escola não promova o apagamento ou a inibição do aluno-leitor.

Zilberman (2003), em suas reflexões sobre leitura, leva-nos a pensar a leitura como um jogo de futebol: quanto mais se treina, melhor se joga, quanto mais se lê, mais o mundo se descortina e mais crítico esse sujeito se torna. Não ler significa ficar alheio ao mundo e a tudo que nos cerca.

A leitura, em especial, a literária, pressupõe o ensino de literatura, ou seja, pressupõe a compreensão do papel da literatura e o entendimento de sua função na sociedade. Segundo as Orientações Curriculares Nacionais – OCN - (2006):

O ensino de Literatura (e das outras artes) visa, sobretudo, ao cumprimento do Inciso III (aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LDBEN, 1996) dos objetivos estabelecidos para o ensino médio pela referida lei (OCN, 2006, p. 53).

O que percebemos é que a leitura literária é aquela que leva o aluno a refletir sobre si, sobre o mundo e suas relações. Trabalhar com a leitura literária significa levar o texto literário para sala de aula, não sobrecarregando a aula com datas e eventos históricos que norteiam certas narrativas literárias, mas efetivamente ler em sala de aula. É preciso que o aluno tenha contato com o texto, não apenas com fragmentos que ocupam a maioria dos livros didáticos. A leitura literária deve propiciar o efeito de estranhamento que o texto possui, ampliando, correspondendo ou frustrando os horizontes de expectativas.

Ainda segundo a OCN (2006):

quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será” (OCN, 2006, p. 60).

Desse modo, pensar o trabalho com a leitura literária possibilita ao professor desenvolver um trabalho que permita ao aluno o contato com experiências estéticas que formarão um leitor capaz de atuar criticamente e com autonomia nos espaços de vivência, além de contribuir para uma formação mais humanística do sujeito. Por isso, é relevante abandonar práticas que desconsideram o texto literário como elemento formativo, ou que buscam trabalhar apenas pequenos trechos selecionados, pois o aluno precisa mergulhar na profundidade do texto literário para vivenciar todas as possibilidades estéticas e formativas que este pode oferecer.

Essas orientações curriculares (OCN, 2006) apresentam, ainda, três tendências metodológicas que seguem o percurso inverso para consolidação da prática efetiva de leitura literária na escola, que ainda habita o universo da *práxis* de alguns professores:

- a) substituição da Literatura difícil por uma Literatura considerada mais digerível; b) simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos; c) substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos (OCN, 2006, p 64).

Lemos também nas OCN algumas diretrizes que visam apontar possíveis soluções para a falácia da formação leitora pela escola. A primeira delas é que o professor deve ser um mediador de leitura, ou seja, que ele leia, tenha livros, faça uso da leitura como fonte de conhecimento de si e do mundo. Segundo, que a escola trabalhe com o texto literário e não apenas com fragmentos. Por fim, em terceiro lugar, que o professor mediador perceba qual o interesse de leitura dos jovens. Logo, a escola precisa repensar suas práticas leitoras. É importante considerar que o leitor atua como coautor do texto, pois ele recebe do texto determinados conhecimentos, mas, também, constrói novos significados aos textos, preenchendo suas lacunas. Desse modo, ler significa um processo interativo entre leitor, texto e seus múltiplos sentidos.

Nesse sentido, a leitura está em constante movimento. Quando o leitor se depara com um livro, para que esse possa ser compreendido, entra em cena diversos jogadores: o autor, os elementos do texto e o leitor, cada qual com sua parcela para a construção de sentidos, que sempre será polissêmico. Para Eco (2003):

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual uma obra literária pode-se fazer o que se queira nelas, lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto (ECO, 2003, p. 12).

A escola e os mediadores de leitura, professores e pais, precisam entender a leitura como um bem incompressível, como nos afirma Candido (2005), pois para o autor, os bens incompressíveis são aqueles que suprem nossas necessidades físicas e espirituais. A leitura literária seria aquela que não somente supre nossa necessidade primeira de formação de leitura na decodificação dos signos, mas também aquela que atua como instrumento poderoso de instrução e tem um papel fundamental na formação

da personalidade, ela “corresponde a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 1995, p. 242) de todos, independentemente de classes, raças ou credo.

A leitura literária precisa ser sedutora, não obrigatória e não enfadonha. Mas, diante disso, somos levados a questionar: por que ler textos literários na escola? Qual o propósito dessa leitura? Para esboçarmos uma resposta, recorreremos novamente a Candido (1995), quando afirma que ler literatura é adquirir conhecimentos, auxiliando nas reflexões sobre nós e o mundo, pois a literatura não corrompe nem edifica, ela humaniza e faz viver. Nas palavras do autor, pois, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, p. 242). Tais apontamentos nos levam a concordar com o estudioso, quando afirma que:

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. É um processo humanizador, que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1995, p. 249).

A leitura literária nos injeta a cota de humanidade, auxilia na formação da personalidade e nos faz compreender os comportamentos sociais, nossas representações e identidade. A literatura fornece a base cultural para vida.

Assim, a leitura literária é fulcral para o desenvolvimento do senso crítico-reflexivo do aluno, contudo, o que vemos é uma falácia na formação de leitores. Nesse sentido, somos levados a pensar sobre os motivos dessa problemática, ancorados nas proposições de Zilberman & Silva (2008). Segundo essas autoras:

Integrada ao currículo escolar, a literatura não podia perder sua força educativa; mas a natureza dessa foi alterada. O tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho linguístico (ZILBERMAN & SILVA, 2008, p. 20).

O que vemos comumente é que a literatura tem servido muito mais ao ensino de gramática que à formação de leitores. Assim, o trabalho com a leitura literária volta-se aos aspectos linguísticos do texto e não aos aspectos que contribuem para a construção da criticidade.

Ainda segundo Silva (2008):

Ao didatizar as produções literárias e sua leitura, de acordo com determinados princípios pedagógicos (aliás, também políticos), a escola dificulta, impossibilita ou até mesmo destrói o potencial educativo inerente à leitura da literatura (SILVA, 2008, p. 55).

Em função disso, pensarmos que o desinteresse pela leitura literária do aluno se deve, em parte, às metodologias utilizadas pelo docente em sala de aula, pelas escolhas dos textos, muitas vezes distantes do universo temático do público adolescente. Digo, em parte, pois há um conjunto de fatores sociais, econômicos e culturais que também podem interferir no interesse/desinteresse do aluno. Portanto, antes de se trabalhar com a leitura literária, o professor, enquanto mediador de leitura, deveria questionar quais seriam os interesses de leitura dos alunos, mas, sobretudo poderia questionar a si próprio e a seu papel de formador de leitores críticos.

Silva (2008) afirma que as famílias mandam suas crianças para a escola para que aprendam a ler e leiam para aprender, isto é, querem que a criança se torne capaz de compreender os diferentes tipos de texto que existem na sociedade. Isso nos leva à afirmação de que grande parte das famílias não forma leitores porque não são leitores e buscam na instituição escola o auxílio para tal, entretanto, os resultados obtidos nem sempre são os esperados. Em outras palavras, a escola precisa ser formadora de leitura, o que pressupõe que seus agentes sejam leitores.

Com efeito, a escola não tem mais o desafio de simplesmente ensinar a ler, mas, também, de propiciar o gosto pela leitura. É preciso que os sentidos de “por que ler” e “o que ler” estejam muito claros dentro do processo metodológico de que o professor lança mão em sala de aula. Em tal processo, faz-se ainda necessário ter em mente de que os leitores em formação correspondem a uma geração envolvida pela tecnologia e pelas outras linguagens que ela propõe. Para Prado (1999), o desenvolvimento da capacidade de ler depende, em grande medida, do sentido que a leitura tem para as pessoas, do ponto de vista de quem lê:

É assim que acontece fora da escola: lemos para solucionar problemas práticos, para nos informar, para nos divertir, para estudar, para escrever ou revisar o próprio texto. Certos textos lemos por partes, buscando a informação necessária, outros exaustivamente e várias vezes, outros rapidamente, outros vagarosamente. Às vezes controlamos atentamente a compreensão, voltando atrás para checar nosso entendimento; outras seguimos adiante sem dificuldade, entregues apenas ao prazer de ler; outras realizamos um grande esforço intelectual e, a despeito disso, continuamos lendo sem parar (PRADO, 1999, p. 86).

A escola não conseguirá formar leitores se continuar repetindo práticas ultrapassadas. A criança, o jovem e o adulto têm direito a essas experiências de leitura também na escola. Isso requer um trabalho pedagógico criteriosamente planejado, não só com a diversidade de textos, mas com a diversidade de objetivos e formas de ler e, sobretudo, de métodos pedagógicos inovadores aliados à tecnologia, grande desafio aos profissionais da educação.

É preciso que a escola promova o prazer da leitura do texto literário, tal como Barthes preconiza: “[...] o prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu” (BARTHES, 1987 p. 28).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Rocco (1999), a leitura nos proporciona um prazer, contudo esse prazer só decorre de um trabalho intelectual árduo. É um trabalho de corpo-a-corpo entre o aluno-leitor e o texto, pois entram em contato as experiências desse sujeito com os valores estéticos do texto. Nesse contato, o professor é uma das figuras centrais, pois funciona como mediador do encontro entre o leitor e o texto, auxiliando o aluno em suas leituras. Ler um texto é como nos depararmos com um grande mar, cujas possibilidades de sentidos precisam de um auxílio, dadas a grandeza e a beleza que podem suscitar, bem como os efeitos de estranhamento. Daí a importância de retomarmos o texto *A função da arte*, de Eduardo Galeano, uma vez que ele nos serviu perfeitamente como metáfora desse processo:

Diego não conhecia o mar . O pai , Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar . Viajaram para o Sul . Ele, o mar , estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos . E foi tanta a imensidão do mar , e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1989, p. 94).

Cabe ao professor ser esse mediador, auxiliar o aluno a olhar, entretanto, jamais impor um olhar ao aluno-leitor. A leitura literária bem desenvolvida pela escola e pelo professor promove também, fora da escola, a possibilidade de ligações entre indivíduos, tornando os livros lidos, muitas vezes, assuntos de rodas de conversas que podem

funcionar como maneira de divulgação das obras literárias por meio das indicações dos alunos às pessoas de seu convívio.

O professor pode fomentar o gosto pela leitura ou promover o processo inverso. Segundo Silva (2008):

O dilema da educação literária, que deveria ser promovida na escola, está exatamente na impossibilidade de eliminação do mediador que faz a ponte entre os estudantes e os livros: o professor. Quantos escritores gostariam de ver boa parcela do professorado no fundo do inferno... quantos escritores gostariam de ver a maioria dos autores de livros didáticos no purgatório... Quantos escritores gostariam de ver as suas obras fora e longe dos muros escolares... (SILVA, 2008, p. 57).

É preciso que o professor não seja um policial da leitura, aquele que impõe ao aluno a leitura, mas que seja, pelo próprio ato de ler, um sedutor, capaz de instigar no aluno o gosto pela e da leitura. A formação do leitor se dá na liberdade de escolha, sem obrigatoriedade. A leitura literária deve ser trabalhada sem os amálgamas das escolas literárias. Nesse sentido, ela deveria ser evocada na espontaneidade, para que esta possa proporcionar a inquietação, o questionamento e a reflexão. E o professor enfim, ser capaz de conduzir o seu futuro leitor a ver o longe, a querer e não temer olhar “a imensidão do mar”, que é o ato de ler uma obra literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. Santa Cruz do Sul: Signo, 2007.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor** - alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. **Literatura na Escola de 1º e 2º Graus: por um Ensino não Alienante**. Florianópolis, 1985.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO. O Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. São Paulo: LPM, 1989.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. **Vinte anos de pesquisa sobre a leitura**. Passo Fundo: UPF, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense S. A., 1997.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. Traduzido por Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LLOSA, Mario Vargas. **La verdad de las mentiras**. Ensayos sobre literatura. España: Alfaguara, 2007.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. BRASIL, 2006.

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PSZCZOL, Eliane. O papel do PROLER em uma política nacional de leitura. In:

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/Ensino: uma problemática**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola**. São Paulo: Global: ALB - Associação de Leitura do Brasil, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**. Campinas: Mercado de Letras. 1998b.

ZILBERMAN, Regina. & LAJOLO, Marisa. **Leitura Rarefeita: Leitura e Livro no Brasil**. 1º ed. São Paulo: Editora Ática, 2002

ZILBERMAN, Regina. & ROSING, Tania, M. K. **Escola e Leitura - velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.